

Ser Professor hoje

A publicação do presente número da revista *Educação e Matemática* coincide com a realização de mais um ProfMat e assinala um quarto de século da existência da Associação de Professores de Matemática. Estamos perante uma afirmação clara de uma grande vitalidade profissional dos professores de matemática. O projecto de acção corporizado pela APM tem funcionado como um projecto associativo, com grande expressão junto do conjunto de professores de matemática de *todos os níveis de ensino*, através das suas publicações, encontros, seminários de formação, divulgação e troca de experiências.

Nestes últimos 25 anos muita coisa mudou nas escolas e nas condições de exercício da profissão docente. Nos anos 80, após a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, viveram-se tempos de optimismo e depositaram-se esperanças, que viriam a revelar-se infundadas, num projecto de Reforma Educativa que nos ajudou a compreender que a educação e as escolas não mudam por decreto. Ajudou-nos a compreender, também, que os professores não podem ser encarados como meras «alavancas» (expressão usada por um ministro da época) de um processo reformador conduzido de fora para dentro das escolas e construído de cima para baixo.

Hoje e nos tempos que se avizinham as condições de trabalho e as exigências que se colocam ao exercício da profissão docente serão mais exigentes. A realidade escolar é «porosa» relativamente ao meio envolvente e todos os problemas sociais se repercutirão e continuarão a «invadir» o espaço e o tempo escolares. Em ambientes de trabalho mais problemáticos e marcados por crescente complexidade, pede-se, ou melhor, exige-se aos professores que, de modo eficaz transmitam conhecimentos, promovam a autonomia dos alunos, construam métodos inovadores, facilitadores da aprendizagem e ainda que ponham em prática modos de ensino e acompanhamento individualizado, no sentido de construir respostas positivas à crescente heterogeneidade dos públicos escolares. Também se espera dos professores que integrem nas suas práticas profissionais um aproveitamento pleno das potencialidades das novas tecnologias de informação. Os professores são ainda chamados, de forma cada vez mais intensa, a assumir responsabilidades educativas e de gestão fora do seu clássico e restrito território: a sala de aula.

Para responder a este conjunto de exigências há que conceber a profissão docente como um todo que integra quatro dimensões fundamentais:

O professor é um *analista simbólico*, ou seja, alguém que (individualmente e em equipa) equaciona e constrói soluções para situações educativas complexas, marcadas pela singularidade e a incerteza. A aprendizagem através da experimentação (e portanto do erro) e através da interacção permanente com os pares profissionais configura modalidades de aprendizagem no exercício do trabalho. Entendendo o saber ensinar como a tradução de uma competência de fazer com que outros aprendam, a singularidade de cada educando e de cada situação educativa,

realça como insuficiente um saber profissional baseado na mera aplicação de procedimentos uniformizados e previamente testados.

Os professores não são, portanto, meros agentes de execução. Precisamente, na acção docente é muito grande a distância entre o trabalho real e o trabalho prescrito. Só a curiosidade e a criatividade permanentes dos professores podem induzir atitudes idênticas por parte dos sujeitos que aprendem. Neste sentido espera-se do professor e das equipas educativas que trabalhem com zelo, o que implica ousar transgredir as normas instituídas. Mais do que um reproduzidor de práticas, o professor reinventa e contextualiza práticas, reconfigurando-as de acordo com as especificidades dos contextos e dos públicos. À semelhança do modo de fazer do *artesão*, o professor mobiliza, a partir de um repertório compósito de saberes, os elementos pertinentes para fazer face a situações únicas e marcadas pela incerteza. É nesta perspectiva que o saber profissional construído na acção, muitas vezes tácito, assume uma capital importância.

O professor é, também, um *profissional da relação*, na medida em que a sua actividade se inscreve nas profissões de «ajuda», marcadas pela relação face a face, quase permanente, com o destinatário. A importância decisiva desta dimensão relacional torna mais evidente a inadequação de uma profissão docente enquadrada em limites definidos por uma racionalidade técnica e instrumental. A relação com os alunos impregna a totalidade do acto educativo, não pode ser ensinada, mas apenas aprendida e engloba de forma inextricável as dimensões intelectual e afectiva.

A crise global que afecta as instituições clássicas de socialização, combinada com um mais democrático acesso a percursos escolares longos, cria à escola problemas de legitimidade que decorrem do desfasamento entre a instituição escolar e a diversidade de expectativas e de lógicas de acção, presentes num público escolar cada vez mais diferenciado. Cabe também ao professor contribuir para que as situações educativas propostas sejam vistas e vividas pelos alunos como pertinentes e significativas. Para conseguir que a sua acção profissional tenha eficácia, o professor precisa ainda de ser um *construtor de sentido*.

No início de um novo ciclo educativo marcado, quer pela extensão da escolaridade e das ofertas formativas a novos públicos de jovens e adultos, quer pela vivência de uma crise social e política com contornos graves e de uma amplitude de certo modo inesperada, os professores precisam de investir no seu rico e diferenciado património associativo, fazer apelo ao reforço e afirmação de um saber que inclui uma visão total da profissão que só pode afirmar-se a partir do *interior* do campo profissional. É tempo de saber ouvir os professores, mas é sobretudo necessário que estes tomem a palavra.

Rui Canário

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa